

## CARACTERIZAÇÃO ESTRUTURAL E COLOCAÇÃO TEMPORAL DO COMPLEXO INTRUSIVO SANTA ANGÉLICA, ES

*Peterle, D.T.<sup>1</sup>; Hartwig, M.E.<sup>1</sup>; Cruz, C.L.R.<sup>1</sup>; Rangel, C.V.G.T.<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Universidade Federal do Espírito Santo; <sup>4</sup>Universidade Federal do Sul da Bahia

**RESUMO:** O Complexo Intrusivo Santa Angélica (CISA) localizado no sul do estado do Espírito Santo (ES), integra um conjunto magmático de caráter bimodal formado no estágio final da colocação tectônica pós-orogênica (G5), gerada a partir do colapso gravitacional do Orógeno Araçuaí no Neoproterozóico-Cambriano. A Supersuíte G5 está inserida em meio as rochas do arco magmático pré-colisional do orógeno, representado pela Supersuíte G1, constituída majoritariamente por tonalitos e granodioritos com fácies e autólitos dioríticos e máficos, portadores de xenólitos de rochas metassedimentares, além de rochas paraderivadas representadas pelo Complexo Paraíba do Sul. A suíte de rochas do CISA, teria se originado a partir de um magma básico proveniente do manto, que induziu a fusão parcial na crosta inferior, gerando magmas graníticos. A assimilação de crosta teria gerado misturas mecânicas e químicas (*mingling e mixing*) em diferentes proporções entre magmas máficos, de origem mantélica e magmas graníticos, o qual constitui rochas de caráter híbrido. Do ponto de vista estrutural por tratar-se de uma suíte pós-orogênica, o CISA deveria estar desprovido de deformação plástica, guardando apenas, efeitos de deformação por fluxo magmático e deformação de caráter rúptil, relacionada à colocação do corpo e reativações posteriores. No entanto, os dados levam a um questionamento quanto a colocação do CISA como sendo resultado da granitogênese G5. No presente trabalho a metodologia foi dividida em três escalas: macroescala, que compreende a análise de imagens de sensores remotos (satélite e geofísica) e pares estereoscópicos, mesoescala, que compreende a identificação de feições de deformação dúctil e microescala, que compreende a análise microtectônica. O levantamento de campo foi realizado em uma seção de direção NW-SE, transversal ao CISA. Os dados revelaram a presença de estruturas tectônicas dúcteis, tais como foliação milonítica, texturas *augen*, estruturas do tipo S-C, recristalização de minerais e bandas de deformação, não apenas nas bordas do maciço, mas também em seu interior. Os dados indicam que as zonas de cisalhamento tardi-colisionais Guaçuí (à oeste) e Batatal (à leste), encontravam-se ainda ativas quando houve a colocação do CISA, a julgar pela sua geometria em forma de “amendoim”, com eixo maior orientado segundo o *trend* NE-SW, bem como pela disposição espacial da foliação interpretada entre as estruturas, que configuram um grande sigmóide. Foram reconhecidas ainda três fases de deformação na área, particularmente na sua porção oeste-noroeste: Sn (bandamento gnáissico), de orientação NW-SE, Sn+1 (foliação milonítica) e Sn+2 (foliação protomilonítica), ambas de orientação NE-SW, concordantes com o *trend* regional. O bandamento Sn foi observado nas rochas encaixantes, a foliação Sn+1 nas rochas dispostas na região de borda e a foliação Sn+2 no interior do maciço. Em termos tectônicos e deformacionais, acredita-se que o CISA tenha se colocado um pouco mais cedo, no final do estágio tardi-colisional do Orógeno Araçuaí (fase de escape lateral), ao contrário do que muitos pesquisadores interpretam (fase de colapso do orógeno), o que abre novos campos de estudos, principalmente no domínio das datações geocronológicas, que ainda são muito escassos para o CISA.

**PALAVRAS-CHAVE:** GRANITOGÊNESE, ANÁLISE ESTRUTURAL, DEFORMAÇÃO DÚCTIL.